



Se você já abriu a Bíblia e se deparou com os quatro Evangelhos — Mateus, Marcos, Lucas e João — talvez tenha se perguntado: *“Por que quatro relatos? Eles não dizem todos a mesma coisa?”* Essa pergunta é mais comum do que parece, e sua resposta não é apenas fascinante do ponto de vista histórico, mas também profundamente teológica e pastoral. Os quatro Evangelhos não são uma repetição monótona; cada um oferece um rosto único de Jesus Cristo e uma mensagem adaptada a diferentes realidades humanas e espirituais.

1. A história por trás dos Evangelhos

Os Evangelhos são relatos escritos por diferentes autores entre aproximadamente os anos 60 e 100 d.C., cerca de trinta ou quarenta anos após a morte e ressurreição de Cristo. Cada evangelista tinha um propósito específico e um público particular:

- **São Mateus**, escrevendo por volta do ano 70, dirige-se principalmente aos judeus convertidos. Seu Evangelho apresenta Jesus como o Messias prometido no Antigo Testamento, fazendo constantes referências às profecias cumpridas: *“Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor havia dito pelo profeta”* (Mateus 1,22). Mateus quer mostrar que Cristo não é apenas um mestre, mas o cumprimento das esperanças de Israel.
- **São Marcos**, provavelmente o primeiro a ser escrito, por volta de 60-65, concentra-se na ação de Jesus. É o Evangelho mais curto e dinâmico, pensado para cristãos que enfrentavam perseguição em Roma. Marcos apresenta um Jesus sofredor, que se entrega por amor, enfatizando a realidade da Cruz.
- **São Lucas**, médico e companheiro de São Paulo, escreve por volta de 80-85, com um público predominantemente gentio. Lucas destaca a misericórdia e a universalidade da mensagem de Cristo: os pobres, os marginalizados, as mulheres e os estrangeiros ocupam um lugar central em seu relato. Aqui vemos o coração pastoral do Evangelho: *“Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens por Ele amados”* (Lucas 2,14).
- **São João**, o mais tardio (por volta de 90-100), oferece um Evangelho profundamente teológico. João não busca narrar fatos de forma cronológica, mas revelar a identidade divina de Jesus: o Verbo feito carne, o Filho de Deus que traz vida e luz. Sua mensagem está impregnada de contemplação e profundidade espiritual: *“E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória”* (João 1,14).

Cada evangelista, portanto, escreve não para competir com os outros, mas para complementar uma compreensão mais rica de Jesus.



2. Perspectivas diferentes, uma única mensagem

Embora os quatro Evangelhos relatem a vida, morte e ressurreição de Jesus, eles o fazem a partir de perspectivas diferentes. É como observar a mesma paisagem a partir de quatro ângulos distintos: cada visão revela nuances que as outras não mostram.

- **Mateus** enfatiza o ensinamento de Jesus como cumprimento da Lei e das profecias.
- **Marcos** nos recorda o sofrimento e a entrega radical de Cristo.
- **Lucas** coloca o foco na compaixão e na inclusão.
- **João** nos convida à contemplação e a uma fé profunda na divindade de Jesus.

Essa abordagem múltipla tem um valor pastoral e prático: permite-nos aproximar de Cristo de maneiras que se ajustam à nossa vida e ao nosso contexto. Um fiel pode se identificar com o Jesus misericordioso de Lucas, enquanto outro se comove com o Jesus sofredor de Marcos, ou se inspira no Cristo mestre de Mateus e no Cristo divino de João.

3. Existe um mais valioso que os outros?

Do ponto de vista teológico, nenhum Evangelho é “superior” a outro. A Igreja Católica os reconhece todos como **Palavra de Deus inspirada**, e juntos formam um mosaico completo da vida e missão de Jesus. No entanto, podemos observar que cada um possui um enfoque distinto que pode ser mais útil conforme as necessidades espirituais do leitor:

- Se você busca compreensão doutrinal e o cumprimento das promessas de Deus, **Mateus** é essencial.
- Se você precisa de força para perseverar no sofrimento, **Marcos** é inspirador.
- Se você deseja encontrar o coração misericordioso de Deus, **Lucas** é um guia.
- Se você busca uma relação profunda e contemplativa com Cristo, **João** é insubstituível.

É como uma sinfonia: cada instrumento tem o seu momento, e juntos criam uma harmonia perfeita. Separados, perdem riqueza; unidos, revelam a plenitude de Cristo.



4. Aplicação prática na vida diária

Compreender que existem quatro Evangelhos não é apenas um exercício intelectual, mas um convite para viver mais próximo de Cristo:

1. **Multiplicidade de olhares:** assim como os Evangelhos oferecem diferentes ângulos de Jesus, podemos aprender a olhar para a nossa própria vida a partir de várias perspectivas: justiça, misericórdia, amor e fé profunda.
2. **Identificação pessoal:** cada pessoa pode aproximar-se do Evangelho que toca o seu coração. Isso permite um caminho espiritual mais personalizado sem perder a unidade da mensagem cristã.
3. **Diálogo e comunidade:** ler os quatro Evangelhos em comunidade nos ensina a valorizar a diversidade de experiências dentro da Igreja e a reconhecer que cada irmão e irmã pode ter uma relação única com Cristo.
4. **Oração e meditação:** o Evangelho de João, por exemplo, nos convida à contemplação e à oração profunda; Lucas nos chama à ação compassiva; Mateus nos orienta para o cumprimento da vontade de Deus em nossas ações; Marcos nos fortalece no sofrimento e na entrega.

5. Conclusão

Os quatro Evangelhos não são repetitivos; são complementares. Cada um nos permite conhecer Jesus por diferentes facetas, como um diamante que brilha com muitos reflexos. Reconhecer isso nos ensina uma lição fundamental: **a verdade de Deus é rica e multifacetada**, e o nosso caminho de fé também pode ser. Ao lê-los com atenção, oração e abertura, encontramos não apenas informações históricas, mas também orientação espiritual, inspiração para a vida cotidiana e um encontro mais profundo com Cristo.

Como diz São Paulo: *“Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para ensinar, para repreender, para corrigir e para instruir na justiça”* (2 Timóteo 3,16). Ler os quatro Evangelhos nos permite viver plenamente esse ensinamento, integrando sabedoria, fé, compaixão e contemplação em todos os aspectos da nossa vida.